



Revista Eletrônica do Instituto de Ensino Superior do Amapá

HOMENS CIS-HÉTERO E CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NA PORNOGRAFIA COM MULHERES TRANS E TRAVESTIS

CIS-HETERO MEN AND DISCURSIVE CONSTRUCTIONS IN PORNOGRAPHY WITH TRANS AND TRANSVESTITE WOMEN

Eduardo Machado Dias
Inês Hennigen

RESUMO

Esta é uma investigação sobre os discursos das masculinidades cis-hétero no campo da pornografia à partir de seus comentários em vídeos pornográficos com mulheres trans e travestis. Trata-se de comentários, postados por homens, feitos em relação a cinco diferentes vídeos, selecionados na plataforma do *Xvídeos*, e que foram analisados com base na análise de discurso pechêutiana e nas discussões de gênero e masculinidades propostas por Zanello. Objetivou-se refletir sobre as construções discursivas que operam com as masculinidades, seus processos de afirmação e suas produções de normativas sociais e culturais. Nos resultados, discute-se a heterocisnatividade como produtoras de discursos associadas à masculinidade, problematiza-se a aniquilação de subjetividades trans e travestis e a sua invalidação pela experiência ciscentrada, trazendo tensionamentos quanto às posições heterossexuais e cisgêneras.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Masculinidades. Pornografia. Transexualidades. Travestilidades.

ABSTRACT

This is an investigation into the discourses of cis-straight masculinities in the field of pornography that took into analysis their comments on pornographic videos with trans women and transvestites. These are comments, posted by men, made in relation to five different videos, selected on the *Xvídeos* platform, and which were analyzed based on Pecheutian discourse analysis and in the discussions of gender and masculinities proposed by Zanello. The objective was to reflect on the discursive constructions that operate with masculinities, their processes of affirmation and their productions of social and cultural norms. In the results, straightcisnativity is discussed as producers of discourses associated with masculinity, the annihilation of trans and transvestite subjectivities and their invalidation by the ciscentric experience is problematized, bringing tensions regarding straight and cisgender positions.

KEYWORDS: Discourse. Masculinities. Pornography. Transsexualities. Transvestilities.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma análise dos discursos produzidos, e produtores das masculinidades, em vídeos pornográficos protagonizados por mulheres transexuais e travestis. A escolha da temática deve-se ao fato de que grupos de estudos de gênero, coletivos LGBTQIAP+¹ e diversas matérias jornalísticas referem, em associação e/ou contraposição, os altos índices de assassinatos, registrados no Brasil, contra mulheres trans e travestis e o alto consumo, em nosso país, de pornografia com mulheres trans e travestis. Contudo, tal questão é pouco abordada em estudos, aparecendo primordialmente por meio de notícias em sites, onde esses indicadores são apresentados como um dado já pronto e analisado, porém, ao se buscar estudos sobre o assunto, ainda poucos resultados são encontrados.

De acordo com o dossiê divulgado pela a ANTRA, o Brasil é o país em que mais ocorrem homicídios de travestis e transexuais, havendo cerca de um a cada 48 horas. No ano de 2022 ocorreram 131 assassinatos de pessoas trans, destes, 130 eram travestis e mulheres trans e 1 era de um homem trans (Benevides, 2023). Em 2023, houve um aumento desse número para 145 vítimas.

Em relação aos dados absolutos dos últimos 7 anos, produzidos entre os anos de 2017 e 2023, período em que a ANTRA passa a fazer essa pesquisa, conseguimos mapear um total de 1057 (um mil e cinquenta e sete) assassinatos de pessoas trans, travestis e pessoas não binárias brasileiras. Sendo 145 assassinatos em 2023 e 131 casos em 2022; 140 casos em 2021; 175 casos em 2020; 124 casos em 2019; 163 casos em 2018 e; 179 casos em 2017 (o ano com o maior número de assassinatos de pessoas trans na série histórica). O que representa uma média de 151 assassinatos por ano e 13 casos por mês (Benevides, 2024, p. 43).

Ainda, conforme dados do Atlas da Violência (IPEA, 2025) há um expressivo aumento nos registros de violência contra pessoas LGBTQIAPN+. Conforme o registro, de 2014 para 2023, a violência contra mulheres trans e travestis teve um aumento de 1.110,99%, de 291 para 3.524 casos.

¹ Sigla que engloba diversas subjetividades: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais formas de diversidade sexual e de gênero.

É crucial tomar em sua complexidade esses números e sua associação, questionar o que está subjacente, como plano de fundo. Indagar sobre sua correlação com: o *cistema*, enquanto produtor de normativas; a construção e reprodução das masculinidades; a possibilidade de agência das mulheres quanto ao que pensam e sentem a respeito dos modos como as relações (de gênero, binárias, falocêntricas, sexuais e afetivas) ocorrem nos vídeos; e nos comentários, pensando em suas formas e como se re-produzem na vida cotidiana.

Como já apontado, é possível encontrar diversas notícias, veiculadas em canais de comunicação *online* do país, que abordam, como temática em comum, a violência contra travestis² e mulheres transexuais³ e o alto consumo de filmes pornográficos com atrizes trans e travestis. Notícias como a do site *Catraca Livre* (2016), em que no ano de 2016 já trazia essa associação entre consumo e violência, evidenciando-se que tal discussão não é de hoje. Em geral, as matérias trazem análises sobre a questão do consumo, desejo e violência. É possível perceber que a maioria tem como objetivo explicar ou traçar paralelos entre os motivos desse consumo e da violência, tomando-os como correlacionados.

Ainda em outra reportagem, para a Revista *Aratu On*, que tem como título “Por que o país que mais consome pornografia trans é também o que mais mata travestis?” (Gomes, 2017), Keila Simpson, presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), arrola diversas formas de violências contra as mulheres trans, desde a abjeção de suas subjetividades ao estigma e a visão de mulheres trans enquanto objetos de desejo, além da violência de gênero, machismo e violência do Estado. Simpson refere a existência de dois mundos: um onde há o desejo e outro que mata por falta de legislação.

² Travesti é uma identidade de gênero feminina utilizada nos países latinos. Essa nomeação ressignifica um termo que, por muito tempo, foi utilizado de modo pejorativo. A identidade travesti compreende sujeitas que vivenciam um papel de gênero feminino sem se reconhecer como homens ou mulheres (Jesus, 2012).

³ Entende-se que uma mulher transexual é toda aquela que reivindica o reconhecimento como mulher, não tendo ligação com algum procedimento cirúrgico ou estético eventualmente realizado (ou não), embora muitas transexuais recorram a opções cirúrgicas e/ou tratamentos hormonais para sentirem-se melhores ou mais pertencentes com seus corpos (Jesus, 2012).

Na entrevista citada, Simpson refere sobre o local de abjeção em que se colocam as subjetividades travestis e trans. Corpos abjetos, conforme definido por Butler (2002), são aqueles cujas vidas não são consideradas “vidas”, ou seja, vidas que têm a sua existência desconsiderada, negada ou rechaçada, sua materialidade sendo vista como desimportante. Nesse sentido, abjeção está intimamente relacionada à violência, uma vez que corpos desimportantes ocupam um não lugar de sujeitos, um lugar de “algo”. Tal visão já marca e constituiu uma violência – e abre caminho para a operação de diversas outras violências.

Butler (2019) reflete sobre as existências precárias, aquelas que habitam fora de um sistema de reconhecimento, e cujas mortes não são choradas, enlutáveis. Há, assim, uma distribuição desigual do luto, que definirá quais vidas são importantes e devem ser enlutadas, quais não. A autora entende trata-se de um fracasso da humanidade não conseguir conceber todas as existências como vidas, enquanto igualmente integrantes da humanidade.

Como já afirmado, fora reportagens em sites ou revistas *online* (Catraca Livre, 2016; Gomes, 2017), ainda são poucas as produções científicas quanto ao tema, e nestas, não se encontrou discussões relacionadas à cisgenerideade. Entende-se que é fundamental pensar sobre a cisgenerideade e a heterossexualidade e suas implicações nos processos de violência, uma vez que, por serem colocadas como categorias “naturais”, são (re)produtoras de normativas. Em função disso, a presente pesquisa busca a análise dos discursos dos homens cisgênero e heterossexuais no campo da pornografia.

Pensar os atravessamentos de ambos os conceitos/categorias nessas produções permite questionar as normatividades e abrir espaços para desestabilizar tais estruturas, retirando-as de seu pedestal hegemônico, apesar das resistências e dificuldades apresentadas, seja dentro ou fora da academia.

Besen (2018) questiona sobre a implicação de pesquisadores cis na construção de suas escritas, quando se sentem no direito de colocar pessoas trans e travestis sob o olhar da ciência. A partir de uma análise minuciosa, o autor vai revelando uma série de construções de pessoas cis que nunca se pensam enquanto generificados, que se percebem de forma rígida e imutável.

Porém, tais concepções de si denotam percepções seletivas, limitadas, pois pessoas cis passam por processos de fluidez, dúvidas e mudanças.

Repensar a cisgenerideade, a heterossexualidade e sua fluidez é também colocá-las em análise e implicá-las, desvelando sua máscara de fixidez; pessoas cis e hétero amiúde não se propõem a pensar sobre si e, quando pensam, colocam-se como em posições “naturais”; apoiando-se em sua posição de privilégio, submetem as demais à sua lupa analítica.

Oliveira (2023) também discorre sobre o lugar em que pessoas cisgêneras, brancas e heterossexuais se constituem e ocupam, geralmente sem nenhuma crítica. Conforme a autora, este lugar é referido como a norma humana e “natural”, e nega demais subjetividades em um discurso de que se é apenas “humano”. Oliveira (2023) informa sobre a necessidade de atribuir às pessoas brancas cisgênero e héterossexuais uma raça, um gênero e uma sexualidade permite deslocá-las da posição de poder e exclusividade, retirando a autoridade com a qual falam, agem e operam no mundo. Tal recurso afigura-se como uma das formas de remoção deste silêncio da cisgenerideade, estratégico para a manutenção de seus papéis estáveis e que fomenta a continuidade de criação de categorias, conceitos, teorias, enfim, a instituição de regras entre “normalidade”, “patologia” e sujeitos de estudo.

Além de todos os entendimentos já referidos, é importante realçar outro suporte que respalda e atrela a cismoralividade e a heteronormatividade: ambas se constituem sustentadas por uma extensa gama de instituições, discursos e práticas que lhes legitimam e privilegiam como corporalidades e identidades de gênero naturais e mentalmente saudáveis. Assim, se organizam diversas dimensões do viver, as moralidades, os ideais de família e Estado, bem como as possibilidades políticas de pensarmos as diversidades corporais e de identidades de gênero (Vergueiro, 2016).

A cisheteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está social e hegemonicamente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biológica e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho (Petry; Meyer, 2011).

Jesus (2013) refere o termo heterocentrismo como um conjunto de crenças sobre a orientação sexual, que tem como perspectiva a heterossexualidade como superior às demais orientações sexuais. A constituição se dá de forma semelhante à ciscentralidade; ambas fundamentam aprendizagens cotidianas em contextos culturais, que culminam em práticas de estigmatização e violência contra pessoas não heterossexuais.

Conforme a autora, a heterossexualidade ocupa uma posição central quanto à orientação sexual, fazendo com que haja uma expectativa ou criação de normas sociais em que a sexualidade é enlaçada ao gênero dos sujeitos. Assim, espera-se a atração de homens por mulheres e vice-versa. Dessa forma, as orientações sexuais não heterocentradas foram condenadas a sofrer com estigma e invisibilidade devido à crença da superioridade da heterossexualidade.

Este artigo focaliza e analisa comentários de homens cisgênero e heterossexuais em vídeos pornográficos do *Xvídeos* com mulheres trans e travestis; com isso, busca-se abordar a constituição dos discursos desses homens nesse âmbito, colocando em questão sua articulação com as masculinidades, a cisgeneridade, a heterossexualidade e as normativas e estruturas de poder. Objetiva-se mapear e discutir os processos discursivos das masculinidades enquanto constituidores de subjetividades e refletir sobre os atravessamentos dos comentários *online*⁴ com articulações teóricas do mundo *offline*.

1 METODOLOGIA

Para pensar a construção das masculinidades e seus discursos no campo da pornografia, optou-se pela seleção de comentários em vídeos. Esses comentários serviram de materialidades para a análise, pois fornecem uma captura dessas discursividades. Inicialmente se buscou vídeos que tivessem maior número de visualizações e comentários, permitindo uma “captura” dessas discursividades sobre o material apresentado.

⁴ Online está sendo usado para tratar sobre o que se passa dentro do campo da internet, principalmente no site do *Xvídeos*, enquanto *Offline* será usado para tratar sobre o que se passa fora do campo da internet, na vivência cotidiana das relações de trocas “reais”.

A seleção dos materiais ocorreu entre os meses de setembro e novembro do ano de 2023, feita na plataforma do *Xvídeos* (<https://www.xvideos.com/>), na categoria “Trans”. Sendo esse site selecionado devido a sua relevância, quantidade ampla de vídeos e altos números de acessos, além da gratuidade e maior facilidade de acesso e recursos de pesquisa.

Os critérios de seleção das produções foram: vídeos presentes na categoria “trans” que tivessem relação com a temática da pesquisa; vídeos com mais de dez comentários; comentários associados à produção de masculinidades ou discursos de homens cisgênero.

Com isso, resultou em cinco vídeos escolhidos para a análise dos comentários, sendo eles: Yasmin comendo Soraya (2023), tendo 789.560 visualizações e 50 comentários, produtora independente; Primeira foda com uma trans pirocuda (2023), com 1.871.790 visualizações e 55 comentários, produtora independente; Esposa deixa seu homem foder com travesti - old school (2017), da produtora My Horny Neighbors, com 19.689.670 visualizações e 173 comentários; Travesti peituda Carol Penelope socando no cu (2017), da produtora Yo Tranny, com 280.000 e 17 comentários; e Bela ladyboy coloca maquiagem antes do sexo (2017), da produtora Love 4 lady boys, com 7.385.664 visualizações e 133 comentários.

Após a seleção dos vídeos, foi realizada a coleta dos comentários, nessa coleta buscou-se pelas formas de produções discursivas que se articulam as masculinidades, a cisgeneridade e a heterossexualidade na pornografia com mulheres trans e travestis, bem como as “capturas” dos discursos masculinos ali escritos.

Como ferramenta metodológica utilizada para analisar esses comentários, escolheu-se a Análise do Discurso (AD), pensando-a pelas concepções de Michel Pêcheux, Eni Orlandi e Dominique Maingueneau. A AD é uma área que trata sobre a significância das palavras e sobre a construção de seus múltiplos sentidos, pois considera que as palavras não se significam da mesma forma o tempo todo, uma vez que se carregam de sentidos conforme seu contexto, local e tempo histórico (Almeida; Souza, 2021).

Pêcheux (1990) refere que pensar o discurso não se trata apenas de concebê-lo como constituído a partir da rede de memórias e relações sociais.

Mas sim de entender que a existência do discurso marca uma possibilidade de desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos, assim "todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação" (Pêcheux, 1990, p. 56).

Para a pesquisadora Orlandi (2005) o sujeito é submetido à linguagem, que mergulha em sua experiência de mundo e é determinado pela injunção de dar sentido, a significar-se em gesto, movimento e em contexto sócio-histórico.

O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Dessa forma, essa não trata da língua, mas do discurso, ou seja, o percurso da fala. Levando em conta o homem e sua história, como também considerando os processos e as condições sociais de produção do discurso, a análise da relação estabelecida pela língua, com os sujeitos que a falam e as situações que se produzem são instrumentos para determinar as posições ideológicas do jogo discursivo, e não o sentindo em si. No jogo das formações imaginárias que presidem todo o discurso, observam-se as diferentes posições do sujeito: enunciador e destinatário, ademais, os pontos da relação de interlocução: a imagem que o sujeito faz dele mesmo; a que ele faz de seu interlocutor; e, por fim, a que ele faz do objeto do discurso. O discurso é a explicitação do mundo, a verbalização de uma realidade, na qual estamos inseridos, através do discurso o material pode ser compreendido, interpretado, reorganizado, dessacralizado. Assim como tudo se reorganiza e se renova, o discurso também é refeito cada vez que é anunciado, produzido (Almeida, Souza, 2021, p.123).

Maingueneau (2010) informa sobre a construção dos discursos pornográficos, em que estes são "condenados", não possuindo um lugar pleno de existência, pois são segregados do constituído como civilizado. Esses discursos, para Almeida e Sousa (2021) são constituídos por múltiplos elementos que os compõem, como imagens, cores, texturas, sons, corpos, espaços. Conforme sublinham os autores, eles não se constituem apenas pelas palavras escritas, mas, sobretudo, por aquilo que não é dito, que fica implícito para estimular possibilidades, sentidos e reflexões no interlocutor (Almeida; Sousa, 2021). E por isso, os discursos proferidos pelos homens nesse estudo serão trabalhados conforme a discussão conceitual desta época, pelas perspectivas decoloniais, transfeministas e *queer*.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões serão divididos em dois tópicos temáticos. O primeiro intitulado “Uma dessas eu comia fácil”, que aborda sobre o aniquilamento das posições femininas e da violência discursiva de gênero, além da subjetivação das prateleiras do amor, conforme Zanello (2018). O segundo, “Meu pênis está confuso”, em que se discorre sobre a negação da identidade de gênero e a necessidade de afirmação de uma orientação sexual heterocentrada.

2,1 UMA DESSAS EU COMIA FÁCIL

Os comentários serão transcritos respeitando a identidade de gênero das atrizes, utilizando os pronomes femininos e cerceando muitas falas de cunho pejorativo ou violento. A maioria dos comentadores utilizaram pronomes errados, palavras incorretas ou agressivas, por isso, aqui serão reproduzidos de forma não depreciativa e minimizando as violências já produzidas.

Inicia-se com os comentários percebidos enquanto aniquiladores das subjetividades femininas, sendo trazidos dois vídeos para pensar esses tópicos. O primeiro vídeo Yasmin comendo Soraya (2023), reproduz a relação de uma mulher cis branca com uma atriz trans negra tendo relações em um quarto. A cena se passa com a atriz trans fazendo sexo oral na atriz cis e depois penetrando-a. Na página e no vídeo não haviam informações sobre a produtora.

Deste vídeo, desatacam-se dois comentários. Um dos comentadores referiu “dá um tesão gigantesco de ver uma travesti fudendo uma mulher”, outro, um pouco mais abaixo novamente reforça essa diferenciação “comia a atriz e a trans”.

Antes de seguir com a análise, acrescenta-se outro comentário de outro vídeo, que é intitulado Primeira foda com uma trans pirocuda (2023). A produtora é uma criadora de conteúdo independente e torna-se perceptível uma interação maior com o público ao longo dos comentários.

Esse vídeo, também com uma atriz cis e uma atriz trans, mostra as duas trocando beijos, após, há uma cena de sexo oral seguida de penetração. Ambas estão vestidas, porém com os peitos, pênis e vagina expostos pelo lado da roupa (vestido e calcinha), usam salto alto ao longo de toda a cena sexual. Dessa

produção, o comentário selecionado foi “muito bom ser comido por uma trans ou pela mulher, e comer é claro”.

A primeira questão é sobre o fato de ao existirem duas mulheres na cena, cis e trans, por que uma tem a sua identidade feminina desconsiderada? Essa identidade feminina não é nem questionada por esses homens, simplesmente eles a aniquilam.

Rocon et al. (2020), em seu artigo composto pelos relatos de mulheres trans e travestis após o processo cirúrgico de afirmação de gênero, informam que muitas relatam dificuldades em obter o reconhecimento social enquanto mulheres, entendendo o reconhecimento enquanto uma condição necessária à existência. E que, apesar de todo o processo de afirmação de si como sujeitas femininas, este processo e suas performances parecem marcar-se como insuficiente à cisgenerideade. Para os autores, os marcadores binários esvaziam os discursos e as possibilidades de habitação dos corpos, produzindo adoecimento e sofrimento físico e mental.

Aqui há uma outra questão sobre a cisgenerideade, essa busca e tentativa de subalternização de outras vivências, tentando marcar isso nos corpos, ações e discursos. Como se fosse natural o papel de dar um aval ou validação para vivências que subvertem essa norma.

Além dessa desconsideração das subjetividades trans quando em relação às mulheres cis, também se evidencia uma forma de comparação entre as posições de mulheres cis e de mulheres trans. Sobre isso, ressalta-se mais um comentário do primeiro vídeo, *Yasmin comendo Soraya* (2023): “Mais bonita e gostosa que mta mulher por ai⁵”. Seguindo nesse comparativo, encontra-se no vídeo *Esposa deixa seu homem foder com travesti - Old school* (2017), o comentário “só como mulheres, mas uma dessas eu comia fácil”. Esse vídeo constitui-se pela cena inicial de uma atriz trans exibindo seu corpo por inteiro, após aparece o ator, um homem cis, cujo rosto não aparece. Há a realização de sexo oral com foco principalmente no pênis e no rosto da atriz. Mais adiante

⁵ Está se referindo às mulheres cis.

aparece outra mulher, nomeada como a esposa, com vestido longo e faz sexo oral na primeira atriz (essa segunda não tira a roupa).

Retomando, o comentário “Mais bonita e gostosa que mta mulher por ai” é possível perceber as construções de padrões e expectativas tidas em geral para com as mulheres, como se todas tivessem de estar bonitas e apresentáveis para o que o homem espera e obter assim sua aprovação, fora a cobrança de performance binária.

Zanello (2018) refere sobre um processo de duplo empoderamento masculino, ao trabalhar sobre os dispositivos de gênero, principalmente o dispositivo amoroso. Para a autora, o dispositivo amoroso configura formas de subjetivação feminina em um contexto brasileiro. Ser subjetivada por esse dispositivo significa que a construção da identidade das mulheres é mediada pelo olhar de um homem que as “escolha”, sendo o amor, um fator identitário, e ser escolhida por um homem é sentido como legitimação de seu valor.

Isso coloca as mulheres no que ela chama de prateleira do amor, porém, para os homens tal dispositivo constrói uma almofada psíquica que os protege, produzindo-os e os alçando ao lugar de avaliadores das mulheres, seja de forma física, moral ou intelectual. Colocando as mulheres como sujeitas a essa avaliação e julgamento, os homens não ficarão sozinhos se assim desejarem, pois, têm a total certeza de que serão amados, independente do que tiverem de atributos ou de questões negativas (Zanello, 2018).

Como prateleira do amor, Zanello (2018) define que há um processo de ideal estético de mulher branca, magra, loira, jovem (inclui-se aqui também cis) e que quanto mais distante desse ideal, pior o lugar na prateleira e menores as chances de ser escolhida por algum homem. Além desse sofrimento, o fato de serem subjetivadas nessa prateleira do amor produz relações atravessadas pela disputa e pela rivalidade, pois para ser escolhida é necessário destacar-se mais e diminuir as concorrentes.

Além de todo o contexto de rivalização do discurso comparativo entre mulheres cis e trans, ainda há os discursos sobre a mulher para casar e para transar, as diferenças marcadas por meio dessas falas que marcam estereótipos binários, de corpos, etários e de raça. O corpo trans colocado em comparativo

pelos homens e contestado a partir da ideia binária de como deve ser um corpo generificado e como deve performar para obter seu aval e desejo.

E aqui cabe a continuidade dessa discussão tratando sobre a solidão das mulheres trans e travestis. Senna (2021) questiona sobre expressões de nojo, repúdio e raiva exercidos por mulheres cis ao se deparar com sua figura de mulher trans.

por que elas me olham de tal forma se nem me conhecem? Nem sabem se sou uma pessoa boa ou ruim, será que elas me enxergam mesmo como uma Mulher e, com isso, sou um potencial de ameaça para elas? Ou como um homem que se veste de Mulher e, com isso, se sentem intimidadas por eu ser uma pessoa que atravessa o gênero e se apresenta socialmente como uma delas? Ou como o imaginário de uma Super-Mulher, negra, com formas femininas, de um metro e oitenta e cinco de altura que reflete a representação psíquica, imaginária e simbólica do órgão genital masculino, esse símbolo de poder que, no meu caso, é essa imagem da Super-Mulher? Daí eu tive a certeza dessa competição que vai e vem de ambos os lados, em um círculo sem fim e que só nos maltrata (Senna, 2021, p. 69).

A autora finaliza falando sobre esse processo, que é prejudicial para todas as mulheres, referindo sobre a necessidade de finalizar ciclos de culpa, solidão individual e da reprodução dessa solidão em outras sujeitas, causado pelas disputas frente à atenção masculina. Ainda, refere que se pelo menos entre as mulheres houvesse a isenção da violência, a competitividade feminina não seria mais um dos aspectos da solidão das mulheres trans, que perpassa não só relacionamentos e afetos, mas também espaços de cuidado, de saúde, de políticas e de várias frentes do cotidiano.

Apesar dessa busca por uma coletividade e amparo feminino, do outro lado, há uma série de mecanismos utilizados por homens cis para a manutenção dos lugares de subalternidade feminina trans, tomando-as como objeto e referindo opiniões sobre seus corpos e performances de gênero, principalmente sobre genitalidade. A prateleira do amor se faz presente em comentários para além das relações entre mulheres cis e trans.

Recorre-se aqui a outro vídeo, Belo *ladyboy*⁶ coloca maquiagem antes do sexo (2017). A atriz com corpo bastante magro, seios pequenos (diferente das anteriores), o pênis não está ereto (e é menor que os dos vídeos anteriores), suscita uma ideia de infantilização. Essa infantilização pode ser lida por meio da construção da cena, pelo movimento do corpo, olhar meigo e cabisbaixo, além da grande diferença de altura entre a atriz e o ator, dentre outros elementos que corroboram nessa estética infantil.

Os comentários desta produção giram em torno da mulher para casar. O dispositivo do casamento é um dos efeitos de uma estrutura machista e transfóbica. As atrizes negras e as atrizes com características menos infantis recebem comentários acerca do seu corpo, genitais, virilidade e espaço de sexo, porém, chama a atenção a oposição nesse vídeo protagonizado por uma atriz branca, muito mais jovem e que remete a uma ideia de passabilidade. Sobre a posição do casamento, utilizam-se os seguintes três comentários como exemplo: “bonita, gostosa! essa é pra casar”; “me casaria com você na hora e iria comer você o dia todo” e “é uma oriental assim que iria namorar o dia todo, lamberia, daria mordidinhas, chuparia gostoso”.

Para Zanello (2018) o casamento é a chancela de escolha e validação para as mulheres e a conquista máxima a ser desfrutada, uma vez que permite a sua saída da prateleira do amor. Ainda, um “bom” casamento é o que atribuirá o seu valor enquanto mulher. Nesse ponto questiona-se sobre o quanto os homens entendem essa atribuição do casamento como uma validação das mulheres e utilizam isso como uma estratégia de rebaixamento, submissão e controle. Cabe lembrar de vídeos, que circulam na internet, de homens utilizando placas com o escrito “game over” ao entrar na igreja para o casamento, além das piadas referentes às inúmeras solicitações das mulheres sobre casamento.

Um outro comentário sugere novamente uma ideia de infantilização, ao referir-se a atriz no diminutivo: “muito linda demais, perfeita, rostinho e corpinho lindo, impossível não se encantar e se apaixonar”. Aqui parece marcar

⁶ O termo *ladyboy* aparece de forma similar ao *shemale*. É um termo usado na pornografia para designar jovens trans, travestis ou pessoas não bináries, que se apresentam com roupas femininas, geralmente infantilizadas, como fantasias e roupas de colegiais.

que o que faz esse encantamento e apaixonamento ou encantamento é esse rostinho e corpinho lindo, lido de forma infantilizada, que reaparece de modo explícito em outro comentário: “linda, parece uma menina novinha”.

A infantilização da figura feminina é um efeito da pornografia, em uma narrativa masculina e para homens, desde o uso da semiótica, da construção da cena, o título e escolha da atriz, fomentando essa característica infantil em diversas produções (Barreiros, 2019).

A imagem infantilizada nesses casos serve principalmente para reforçar a passividade e relações de poder, o que é reforçado pela cultura como sexualmente desejável (...) Dentro desse cenário, a infantilização se mostra como parte da estrutura de opressão do patriarcado, já que a infantilização exalta características como passividade, subordinação e submissão feminina para a figura masculina. É como se indiretamente, o desejo pela persona feminina infantil fosse também uma maneira de reforçar o poder masculino sobre as mulheres e ter o poder e controle, não só sexual como social (Barreiros, 2019, p. 29).

Bento (2017) refere que há uma operação estatal a partir do discurso que infantiliza mulheres, negando assim a capacidade de agência. Conforme a autora, infantilização e patologização são retóricas do poder colonial, que inscrevem mulheres trans e travestis em ambas as categorias. É comum que na adolescência, entre 13 e 16 anos, que pessoas trans fujam ou sejam expulsas de casa, encontrando na prostituição o espaço social para sobrevivência financeira e construção de redes de sociabilidade, tudo isso articulado com a existência de diversas pessoas que buscam e usufruem dessa vulnerabilidade, transformando-a em um serviço (Bento, 2017). Marca-se assim uma associação entre mulheres trans e travestis e a prostituição, que se apresenta como uma questão complexa e repleta de estigmas, mas que pode ser observada desde a pré-adolescência, nessa aliciação de crianças e adolescentes trans para a prostituição.

A infantilização feminina cumpre um papel de pedofiliação muito presente na pornografia. A pornificação de traços e estéticas infantis, bem como a sexualização de figuras femininas associadas à uma imagética infantilizada atrela-se à alta procura por esse tipo de conteúdo, evidenciando uma pedofiliação da imagem de meninas, porém de uma forma legal e não passível de punições, uma vez que é executada por mulheres adultas, fomentando uma naturalização dessas práticas (Dias, 2019).

2.2 MEU PÊNIS ESTÁ CONFUSO

Ao longo dos comentários há uma série de falas de violência, questionamentos e “certezas” sobre as atrizes e vivências trans e travestis. Muitas trazem a discussão sobre orientação sexual sem compreender a identidade de gênero ou a própria sexualidade como um aspecto amplo. Pode-se observar falas no vídeo Yasmin comendo Soraya (2023) como: “Isso é basicamente porno hétero”; “Meu pênis está confuso”; “estou confuso” e “se eu gostar eu sou gay?”.

É válida a ressalva que sim, a partir dos vídeos assistidos para esta pesquisa é possível dizer que, dentre esses, a maioria dos conteúdos ali pode ser pensada como pornô hétero (ou bi, ou pan) apesar do vídeo não estar localizado na categoria “heterossexual”, são protagonizados por um sujeito masculino e uma sujeita feminina. Ou podem não ser, e talvez por isso a insegurança do pensamento.

O contato com esses materiais pornográficos parece gerar dúvidas acerca da sexualidade e das práticas sexuais, o que por um lado permite uma ampliação do repertório sexual, ou o uso da dúvida como uma possibilidade de descoberta de novas práticas, desejos e prazeres, além de uma maior permissividade. Porém, os comentários revelam uma negação dessas questões, fazendo com que exista uma necessidade de afirmação de si e da busca por uma verdade absoluta. O que se afigura é que a mínima possibilidade de questionamento deve ser rechaçada com raiva e violência. São falas repressivas e conservadoras que se colocam como impeditivos em repensar performances, práticas e prazeres, como se o que entrasse em choque com os valores e morais se mantivesse, sem possibilidade de repensar.

Uma questão a considerar é o que Zanello (2020) refere sobre a relação dos homens com a sexualidade: além de uma série de performances a serem evitadas, para que um homem não seja lido como gay, um verdadeiro macho nunca se questiona sobre sua sexualidade, nunca pensa sobre o fato de não ser hétero, mesmo que seja brincadeira.

No vídeo Yasmin comendo Soraya (2023) aparecem comentários do tipo “Como vim parar aqui, se sou hétero?”, “como cheguei até aqui”. No vídeo Travesti peituda Carol Penelope socando no cu (2017), a cena é protagonizada

por um homem e uma mulher brancos, ambos fazem sexo oral um no outro e finaliza com a penetração do ator na atriz. O comentário que chama a atenção nesse vídeo é “Sou hétero! Como vim parar aqui??? Essa trava é muito gata e muito gostosa! Vontade de meter no pelo nesse rabão, beijando muito a boca dela!”.

A pergunta “como vim parar aqui?” suscita pensar quanto às divisões do site, no qual as categorias permitem passar de uma para a outra conforme o vídeo que se acessa, mas não sem antes um aviso sobre o conteúdo do vídeo e a mudança para a nova categoria. Então o comentarista sabe como ele foi parar ali, e afirma seu desejo, performance e prática sexual de forma muito explícita no comentário.

A afirmação da heterossexualidade é quase constante nos comentários, o que leva a pensar que talvez não se trate apenas de afirmar para quem lê, mas de outros operadores, de uma reafirmação para si e para os outros de seu lugar estanque e confortável, além de medo de ser flagrado e da própria possibilidade de não ser hétero, talvez a culpa ou medo por estar ali, num lugar em que ser hétero precisa ser marcado.

Butler (2003) trabalha com a ideia de uma matriz heterossexual, que introjeta na cultura a naturalização dos corpos, gêneros e desejos, a existência de um sexo estável, em que o masculino é o macho e o feminino é a fêmea, encontrando-se uma obrigatoriedade na heterossexualidade.

Ao buscar as ideias de Freud acerca de melancolia e concepção da sexualidade, Butler (2003) defende que dentre a possibilidade de um menino escolher entre a figura paterna e materna como identificatória, acaba geralmente no campo da heterossexualidade. Há antes da angústia de castração, uma angústia de feminização, nesse processo ainda não se tem medo da punição pelo desejo pela mãe, mas, que o investimento homossexual seja subordinado a uma heterossexualidade consagrada culturalmente. Dessa forma, cria-se um padrão cultural de dominância heterossexual, já introjetado na criança antes do momento edipiano que faz com que haja uma angústia de feminização que obriga a optar-se pela heterossexualidade. Assim, a heterossexualidade se torna o cerne a ser reeditável nas relações e a partir disso é possível pensar em como

a heterossexualidade se torna uma norma, a qual precisa ser reafirmada performaticamente.

Conforme Petry e Meyer (2011) a heteronormatividade se torna um modo de organizar a cultura, ela dita a forma como os sujeitos devem se comportar e relacionar, como devem ser apresentados seus corpos e como as suas relações podem ser constituídas.

Zanello (2020) refere que dentro dessa articulação heterocisnormativa há um caráter homoafetivo nas masculinidades, no qual quem avalia os homens são os próprios homens, definindo um processo de constituição desses processos de tornar-se homem por um conceito intitulado casa dos homens. A casa dos homens coloca-se como um processo de constituição a partir de cômodos simbólicos, em que para acessar lugares mais altos faz-se necessária a avaliação por outros homens que já atravessaram os mesmos processos. Esse local simbólico é gerido pela cumplicidade, ou “brotheragem”, havendo uma proteção mútua e silenciamento que protege todos os homens ali presentes, criando uma ideia de permanência e aceitação nesse espaço (Zanello, 2020). Conforme a autora, há a casa dos homens, entendida como uma “casa” ou espaço, é onde homens buscam a validação de outros homens e precisam “afirmar-se” em suas ações e discursos. Ou seja, afirmar-se heterosexual, deve ser feito verbalmente, além de praticado em atos de misoginia e LGBTfobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que aqui se apresenta é uma série de complexos mecanismos, associados à heteronormatividade e à cisnatividade, relacionados e engendrados com a pornografia, a binariedade e a construção subjetiva das masculinidades, em seus processos de incongruências e de tentativa de autoafirmação.

Pensar a cisnatividade e a heteronormatividade como atreladas às masculinidades é uma forma de potencializar as discussões e ampliar as construções teóricas acerca do assunto. As construções cis-hétero no campo da pornografia se revelaram atreladas a certezas e necessidades de afirmação de si e de posições hegemônicas, bem como evidenciam esse local bem marcado de um Outro.

Retornando uma ideia lá do início de Simpson (Gomes, 2017), sobre a existência de dois mundos, um que deseja e consome o pornô e outro que violenta na rua, nesta conclusão se sustenta que ambos podem ser pensados como partes de um mesmo mundo e realidade, com operadores de violência diferentes ou talvez operadores complementares dessa violência. Em um deles, na pornografia *online*, há desejo, que objetifica e usa de falas que desumanizam e colocam em cheque as subjetividades; em outro, *offline*, a violência física articula-se em discursos públicos de ódio.

A diferença é que a pornografia permite um contato *online*, uma construção de desejo e uma outra forma de lidar, conceber e se relacionar com esse desejo e os afetos suscitados por ele, diferente da demanda da vida cotidiana, em que a operação de desejos e discursos se confronta frente a frente com as lutas, vivências, com o sistema, com as masculinidades hegemônicas, na busca pela validação e onde não há espaço para vazão e controle dos aspectos repressivos.

Na pornografia *online* opera-se a partir da construção de capital e da venda dos vídeos como um produto para um específico público consumidor, que espera determinadas ações e práticas; neste âmbito e sentido, educa-se uma nova geração de espectadores. O outro, opera conforme as regras e normativas sobre sexo, pelas vivências cruas do cotidiano que demanda determinadas construções e posições de si, de se portar e de interagir com o mundo. O que um fornece é a possibilidade de transgredir por alguns momentos com algumas posições, sem ferir ou afetar o funcionamento desse cotidiano. E ainda assim, essa transgressão é permeada por essas normativas ou pela necessidade da afirmação de si de forma estanque, como “hétero”, como “homem” e como “macho”. Essas possibilidades e espaços de desejo não se descolam, podem ser pensados como complementares em sua existência, sem uma separação definida entre quando começa um e quando encerra o outro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávio Aparecido de; SOUSA, Luciano Dias de. Escrevendo literatura: uma análise do discurso pornográfico na internet. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido de. (Org). **Educação e Linguagem:** Ensino, contribuições e discursos. Livro digital. 2021, p. 120-131.

BARREIROS, Ana Carolina Medeiros. **A representação feminina na pornografia:** A infantilização da figura feminina em vídeos pornográficos como ferramenta de opressão do sistema patriarcal. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Especialização em Mídia, Informação e Cultura. São Paulo: Universidade de São Paul, 2019.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022.** Dossiê Antra, ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF, 2023. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>>. Acesso em: fev. de 2023.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023.** Dossiê Antra, ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF, 2024.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador: EDUFBA, 2017.

BESEN, Lucas Riboli. **Pode tudo, até ser cis:** Segredo de justiça, cisgenerideade e efeitos de estado a partir de uma peciografia dos processos de retificação do registro civil em Porto Alegre/RS. 2018. Tese Doutorado em Antropologia Social. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matérias: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.

BUTLER, Judith. **Vida Precária.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

CATRACA LIVRE. **Brasil é o país que mais procura por pornografia trans no redtube.** Rev Catraca Livre, 2016.

COEN, Myra Krieger. **Beating the cis-tem: A look at privilege based on gender identification.** Iowa State Daily. 2012. Disponível em: <https://iowastatedaily.com/132250/news/beating-the-cis-tem-a-look-at-privilege-based-on-gender-identification/>. Acesso em: 19 fev. 2024, 2012.

DIAS, Aline Giovana Sagardia. **Uma análise sobre as particularidades da violência sexual contra crianças e adolescentes mediadas pela internet.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Serviço Social. São Borja: Universidade Federal do Pampa, 2019.

GOMES, Heloisa. **Por que o país que mais consome pornografia trans é também o que mais mata travestis?** Revista Aratu on, 2017.

IPEA. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2025.** v. 2.8. Brasília: Ipea; FBSP, 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Brasília, Distrito Federal, v. 2, 42 p., 2012.

LOVE 4 LADY BOYS. **Bela ladyboy coloca maquiagem antes do sexo.** Xvideos. 17 jul. 2027, son., color. (12min6s). Disponível em: https://www.xvideos.com/video28937699/pretty_ladyboy_puts_on_makeup_before_sex. Acesso em: 10 set. 2023.

MAINIGUENEAU, Dominique. **Gêneses do discurso.** Curitiba: Cria, 1984.

MAINIGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MÉLO, Tita Maravilha Moreira. **Puta híbrida ou a lenda da garota do pau Brasil:** escritos sobre artivismos de um corpo dissidente enquanto potência. Monografia em Artes Cênicas. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

MY HORNY NEIGHBORS. **Esposa deixa seu homem foder com travesti - old school.** Xvideos, 20 set. 2017, son., color. (28min39s). Disponível em: https://www.xvideos.com/video30333215/wife_lets_her_man_fuck_her_by_tranny_-_old_school. Acesso em: 10 set. 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. A cobaia agora é você! Cisgenerideade branca, como conceito de categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais. **Caderno Espaço Feminino**, v.36, n.1, p. 157-177, 2023.

ORLANDI, Eni. **Discurso e textualidade.** Campinas: Pontes, 2005.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1990.

ROCON, Pablo Cardozo et al. Vidas após a cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 6, p. 2347-2356, jun. 2020.

SENNA, Ariane Moreira de. **A solidão da mulher trans, negra e periférica:** uma (auto) etnografia sobre relações socioafetivas em uma sociedade cisheteropatriarcal. Dissertação de Mestrado em Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021.

SORAYA. **Yasmin comendo Soraya.** Xvideos, 10 jan. 2023, son., color. (10min). Acesso em 30 de out. de 2023.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgenerideade como crítica decolonial. In: MESSEDER, Suely; CASTRO, Mary Garcia; MOUTINHO, Laura (Orgs.). **Enlaçando sexualidades:** uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero. Salvador: EDUFBA, p. 249-270, 2016. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/mg3c9/pdf/messeder-9788523218669-14.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

YASMIN MINEIRA. **Primeira foda com uma trans pirocuda.** Xvideos, 12 jan. 2023, son., color. (5min25s).

YO TRANNY. **Travesti peituda Carol Penelope socando no cu.** Xvideos, 8 nov. 2017, son., color. (7min). Disponível em: https://www.xvideos.com/video31468623/busty_shemale_carol_penelope_ass_pounded. Acesso em: 15 nov. 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, v.1, 303p, 2018.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa. (Org.). **Gênero em perspectiva.** Curitiba: CRV, p. 79-102, 202.

Sobre os autores

Eduardo Machado Dias

Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Contato: dmachado.eduardo@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0909-1829>

Inês Hennigen

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Contato: ineshennigen@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0973-5973>

Artigo recebido em: 28 de abril de 2025.

Artigo aceito em: 14 de maio de 2025.